

A BIKE NA ESCOLA E O OLHAR DA COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

MARCOS RIBEIRO DAS NEVES
MICHELLE MARIANO MENDONÇA



Era uma quinta feira, uma semana antes do início das aulas, o dia estava ensolarado e resolvi sair com a minha família para passear e, no caminho, passamos no bairro onde se situa a escola. Ao virar a rua observei muitas crianças andando de bicicleta. Aquele encontro me lançou na condição de estrangeiro e me fez pensar em questões de currículo.

Na curva, o Luís (estudante da escola) passou a mil, o garoto estava andando de bike entre amigos, era possível ouvir suas risadas desfrutando das diversas possibilidades que o objeto permitia. Na descida, os garotos empinavam a roda da frente puxando a bike no grau e, no movimento, seguravam o guidão com uma das mãos. Foi lindo observar como sorriam e gritavam. Fiquei de boca aberta contemplando aquela alegria.

No instante que o carro se distanciava, a imagem virava vertigem através do espelho retrovisor, me levando a pensar no currículo novamente. O que mais me incomodava era saber que na escola o Luiz era narrado de uma maneira que me incomodava.

Outros fatores interferiram na escolha do tema, um deles tem relação com os encontros iniciais dos professores e professoras com a equipe gestora que definiriam o projeto da escola. Nessas reuniões tomamos algumas decisões, frisando que a unidade educacional e seu projeto pedagógico está sensível às diferenças. Também pesou o fato de que a instituição faz parte de um projeto chamado “territorialidade” e esse projeto permite e apoia ações que extrapolam os muros da escola. Além disso, no entorno da unidade há bicicletarias e várias pessoas que vivem e fazem outros usos do artefato.

Um das primeiras ações feitas pela professora Lu Souza me afetou a pensar na avaliação final. Na primeira semana de aula, a colega fez uma árvore dos sonhos com a turma e pediu para cada estudante escolher uma folha e escrever os seus sonhos e desejos para o ano letivo. Logo que bati o olho pensei na possibilidade de construir uma outra árvore com saberes relacionados ao estudo da bike como avaliação final.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Anna Silveira Pedreira está localizada na zona sul de São Paulo, no bairro do Jardim São Luiz. Essa unidade educacional funciona em três períodos (manhã, tarde e noite) e por conta de sua localização também recebe pessoas vindas de outros bairros, a distância fomenta a utilização de meios alternativos de locomoção, incluindo a bicicleta.

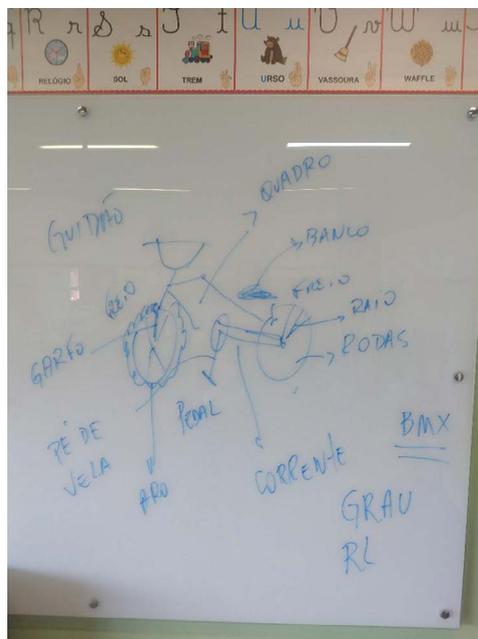


Na primeira aula com a turma deixei a bike no meio da quadra, subi para a sala e disse aos estudantes para descerem e utilizarem o material disponibilizado. Lentamente se aproximaram do “brinquedo”: Uau! Bicicleta! Eba... eu sei andar! Eu também tenho uma! Ah, eu queria outra coisa! Eu não sei andar!

Fiquei quieto, observando o contato com o artefato ao mesmo tempo em que pensava na aula seguinte. Durante a vivência, uma de nossas estudantes (Ana) andou de bike e puxou no grau. Cheguei a comentar com a coordenadora pedagógica Michelle que o tema aproximou as meninas do centro das aulas de Educação Física.

Naquele mesmo dia vi o Luís tomando uma chamada de uma professora porque não queria ficar na sala fazendo a lição. O mesmo estudante que corria feliz pelo bairro, sofria tensão dentro da escola. Embora tenha sido um momento pontual, fiquei pensando na possibilidade de fazer os estudantes darem um sorriso dentro da escola, ao meu ver a instituição poderia ser um espaço de suspensão. Muito triste perceber que alguns acumulam experiências que se aproximam mais da tristeza do que da alegria. Será que precisa ser assim?

Na aula seguinte entrei com a bicicleta nas costas e coloquei-a em cima da mesa. A intenção era trocar informações sobre os elementos que compõem o artefato. Perguntei quem sabia o nome das peças. Aos poucos disseram enquanto eu apontava. O que eles não sabiam eu falava. Além disso, questionei sobre os usos que as pessoas fazem da bicicleta e quais maneiras andaram na aula passada. O conhecimento foi compartilhado naquele momento. Em seguida, tomamos nota do que foi dito e desemos para andar de bike.



Antes de finalizar a semana, convidei o Luís a conversar com a turma. Após o aceite automático, fiz um comunicado à família e avisei os professores com quem ele teria aulas na data prevista que o estudante seria entrevistado pelos colegas. Uma docente pontuou que o estudante é excelente para algumas coisas, mas precisa se comportar e fazer as atividades nas aulas dela.

Como o dia estava ensolarado, além do bate-papo sobre a sua experiência com a bike, programei andar de bicicleta na quadra. Quando ele soube que só tínhamos uma bicicleta, dispôs-se a trazer a dele. Durante a conversa, relatou que no bairro há algumas pistas e que aos finais de semana se encontra com um grupo de amigos para andar pelas ruas com preferência para as ladeiras. O garoto também compartilhou as gírias que empregam para identificar, por exemplo, se uma pessoa “anda bem” de bicicleta, ou seja, é habilidosa nas manobras. O termo utilizado é “toque”.



Ele mostrou como faz para raspar o pedal, puxar no grau, dar RL (andar com a roda da frente). No final da aula, alguns estudantes me procuraram pedindo para levar a bicicleta para casa. Outro questionou duas vezes o que era BMX.

Observando o interesse, organizei-me para abordar as modificações que o artefato sofreu durante o seu processo de “evolução”. Comecei a aula perguntando como achavam que era a bicicleta em outros tempos. Diante

do silêncio, apresentei um vídeo que havia localizado após pesquisa no YouTube sobre o assunto.



Também havia observado que a assistente de direção da escola, Dayane, postara um vídeo andando de bicicleta pela cidade. A colega faz parte de um grupo de pessoas que pedalam. Convidei-a a compartilhar suas experiências com a turma. Ela aceitou e sugeriu trazer uma amiga, a Olga.

A escola se preparando para as comemorações do Dia Internacional das Mulheres. A coordenadora Michelle Mendonça tratou o tema nos horários de formação, o que nos levou a discutir o feminismo, o empoderamento e a construção de diversos imaginários das mulheres. Momento oportuno para receber as ciclistas Dayane e Olga. No início do encontro destaquei a importância da data, expliquei que algumas reivindicações relacionadas principalmente ao direito e ao respeito às mulheres se manifestam também nos espaços ocupados pelos ciclistas. Após a explicação, a turma assistiu a um vídeo que mostrava uma mulher andando de bicicleta pela rua. Um carro se aproximou e o passageiro passou a mão no corpo da ciclista, que além de sofrer a violência, ainda caiu e se machucou. Principalmente, as meninas se mostraram ofendidas com aquela atitude e reagiram com satisfação quando souberam que o responsável foi localizado pela polícia e teve que responder pelo delito.

Na sequência, Dayane narrou que estava muito feliz porque havia sido presenteada pelo marido com uma bicicleta, pois na infância seu pai nunca permitiu que isso acontecesse. Era a realização de um sonho. Segundo ela, andar de bicicleta a ajudava a lidar com o estresse, melhorava a sua saúde

mental, além de possibilitar-lhe conhecer a cidade de São Paulo, pois o grupo do qual participa organiza passeios em diferentes locais. Aproveitou para detalhar o funcionamento da atividade, os dias, horários e maneira como se articulam para o rolê.



Olga, por sua vez, mencionou outras razões que a levam a andar de bicicleta. Ela disse adorar andar de bicicleta em grupo, pois semanalmente percorre trajetos extensos pelas ruas de São Paulo. A alegria da Olga contagiou a turma, que aos poucos sentiu-se à vontade para fazer perguntas, ouvindo atentamente as respostas.



A mountain bike de Olga despertou a curiosidade. Pacientemente, a ciclista explicou como funcionam as marchas e seus usos, como se regula a altura do banco, mostrou a vestimenta e anunciou que deixaria quem quisesse dar uma volta na bicicleta. Uma fila se formou de imediato. Alguns experimentaram trocar as marchas e expressaram ter curtido bastante a experiência.



A coordenadora Michelle, que acompanhava o trabalho, fotografou os acontecimentos e fez intervenções importantes. A colega se aproximava, dava dicas, questionava e buscava contatos e possibilidades relacionadas à tematização. Como a discussão se encaminhava para os usos que as pessoas fazem das bikes, pensamos em aproximar os estudantes de pessoas que andam de bicicleta em outros territórios. Michelle fez contato com um conhecido que percorreu um longo trajeto pela América do Sul.

Um amigo meu, o William, é fotógrafo, anda de bicicleta e costuma publicar as imagens que produz nas redes sociais. Engajado, está sempre atento às questões políticas que envolvem as classes sociais. Surpreendeu-se com o convite para conversar com a turma, mas não hesitou em aceitá-lo. Ele escolheu falar do uso que faz da bike e da fotografia para destacar o processo de alienação de certos grupos. Durante o encontro remoto com a turma, descreveu sua relação com a bike, que se trata de uma opção política para deslocar-se pela cidade e registrar cenas de desigualdade.

Sua fala contemplou conceitos de alienação, trabalho, mais valia e problematizou o fato de algumas pessoas trabalharem de bicicleta para os aplicativos de *fast food*.



Também explicou que as pessoas trabalham horas e horas para ganhar um salário bem baixo, mesmo sob chuva, em péssimas condições, correndo riscos, enquanto outras usam as bikes por pura diversão, para contemplar a paisagem e o território. Várias vezes, William criticou a injustiça que permeia a nossa sociedade. Exemplificou com o que acontece na Avenida Paulista, em que verificam pessoas trabalhando de bicicleta e outras simplesmente passeando.

Ele mostrou fotos de diversas ocupações e citou a conexão da bike com as questões da falta de moradia, acesso aos direitos básicos e dificuldades que as pessoas enfrentam para sobreviver devido à ineficiência das políticas públicas do atual governo. O encontro foi pautado no modo como ele (fotógrafo ciclista), utiliza a bicicleta para desnaturalizar problemas do cotidiano.



William completou sua participação com informações sobre o planejamento dos percursos, manejo de sua Caloi 10 e suas prioridades, especialmente, fotografar manifestações e desocupações.

Juntamente com a coordenadora pedagógica, planejamos uma visita a um bicicletário do bairro (pai do ex-aluno David) e a um espaço onde se anda de bicicleta. Devido à pandemia de Covid-19, Michelle tomou todas as precauções para que o passeio pudesse ser realizado de forma segura. Também cuidou da obtenção dos recursos necessários para locação do ônibus, pois a pista mais próxima se localiza a 13 km da escola e só funciona no período da tarde.

As duas atividades foram aprovadas pelo Conselho de Escola e, só então, fizemos os encaminhamentos necessários, desde a obtenção da autorização dos responsáveis, reorganização da rotina escolar, contratação do transporte e comunicação com os locais.

Após uma busca no Instagram e no Google, contatei o pessoal da Arena Radical. O diretor da pista disse que abriria o espaço pela manhã só para receber a turma da escola. Ademais, comprometeu-se a convidar a galera da Aromeiazero para dialogar com as crianças. Essa Organização Não Governamental se dedica à problemática da mobilidade urbana e ao incentivo e apoio no uso da bicicleta. O plano da saída pedagógica ficou assim: uma oficina de montagem e desmontagem da bike, aula com o Nilton, campeão de BMX, e a conversa com o pessoal da ONG Aromeiazero.

A preparação para essa atividade incluiu a assistência ao documentário *Afuá: cidade das bicicletas*, ambientado em uma cidade de palafitas construída sobre um rio, cujo principal meio de transporte é a bicicleta. A intenção era disponibilizar aos estudantes outras possibilidades de uso da bike. Na discussão que se seguiu, alguns disseram que seus familiares de outras regiões do país também recorrem à bicicleta para deslocar-se nos afazeres cotidianos.



Na data estipulada saímos da escola por volta das 8h. Durante o trajeto fui pensando na maneira como o trabalho foi tecido e como suas porosidades proporcionaram diversos encontros. Pelo WhatsApp mantive contato o tempo todo com o diretor da pista que aguardava a nossa chegada. O trânsito retardou a viagem, enquanto os estudantes admiravam os carros de luxo e a paisagem que beira o rio Pinheiros. Recebi uma mensagem da coordenadora avisando que a Olga (ciclista entrevistada) se encontrava a caminho da pista.

Fomos recebidos pelo Alexandre, Nilton, Cadu, Mariana e Ivan. O Alexandre é o diretor da pista, Nilton é um multicampeão de bicross e professor, Cadu é o responsável pela ONG, Mariana conduziu a oficina de montagem e desmontagem da bike e Ivan é atleta das modalidades race e dirty.

Com muito carinho, enquanto atendiam os estudantes, Olga chegou e se misturou conosco. A turma dividiu-se em três grupos que se rodizaram nas atividades com duração de 40 minutos cada.



Nilton puxou um grupo, Cadu sentou-se em roda com outro e Mariana encaminhou-se para o local da oficina com o terceiro. A professora da turma, Lu Souza, acompanhou e ajudou nas atividades, estimulando os estudantes a observarem o território.

As crianças que estavam com o Nilton receberam bicicletas. Algumas aprenderam a andar naquele dia e outras aprimoraram suas experiências. O atleta levou os estudantes para o começo da pista de race a fim de experimentarem a saída no bloco de corrida.



A roda de conversa organizada por Cadu tratou da mobilidade urbana. Após as apresentações, o rapaz lançou perguntas sobre o tema e instigou o diálogo. A turma bem atenta respondeu com informações relacionadas ao território em que vivem e o uso das bikes em diferentes locais da cidade. Cadu chamou a atenção para a necessidade de se repensar o uso das bicicletas como meio de transporte e fez críticas ferrenhas à maneira como a cidade está organizada, o excesso de automóveis e os problemas que isso acarreta.



Na oficina de montagem, os estudantes aprenderam a regular a altura do banco, montar e desmontar os freios, lubrificar a corrente. Manusearam as ferramentas, enquanto Mariana supervisionava a atividade.



Olga também foi afetada. Andou de bicicleta numa pista de bicicross race pela primeira vez. Nilton e Ivan organizaram a fila e todas as crianças puderam experimentar. Como a pista de dirt exige uma certa experiência, os estudantes apreciaram as manobras do Ivan. Aproveitei para pedir-lhe que explicasse os códigos das duas modalidades. Ele explicou que os praticantes mais novos sempre deixam a pista quando os mais velhos se aproximam. Também informou que as bicicletas que os estudantes usaram têm um alto preço, algumas custam mais de seis mil euros. O colega também falou sobre a origem da modalidade. Segundo ele, o bicicross surgiu nos Estados Unidos, quando pessoas sem recursos para adquirir motocicletas passaram a frequentar as pistas de motocross com suas bicicletas.

Retornando à escola, quis saber da turma o que acharam da visita. Alguns disseram que ficaram bem felizes em andar de bicicleta numa pista, outros gostaram de montar e mexer nas peças. Sobre a história do bicicross, completei as informações apresentadas pelo Ivan com a leitura para a turma um trecho de um livro que conta a história do bicicross.



Durante a semana procurei pelo Serginho, o cicleteiro do bairro, para organizar o encontro com a turma. Como a bicicletaria fica a 2 km da

escola, fomos caminhando. Muitos estudantes conheciam a loja e estavam bem familiarizados com o local, outros ficaram maravilhados com a variedade de apetrechos disponíveis. O Serginho nos brindou com a história da bicicleta na sua vida.



Começou a andar de bicicleta há bastante tempo com amigos do bairro, apaixonou-se pela magrela e teve a felicidade de transformar esse amor em profissão. A conversa enveredou para questões mais técnicas. O cicleteiro costuma recomendar a bicicleta ideal para cada cliente, conforme o tamanho (aro 14, aro 20, aro 26 etc.) e o tipo de uso (lazer, transporte, competição etc.).

Tomando a nossa bicicleta como modelo, escolheu uma estudante para explicar a altura correta do banco, considerando a distância do guidão. Serginho fez indagações à turma e enfatizou a importância de utilizar equipamentos de proteção. Fez demonstrações e indicou como se deve utilizar o capacete, além dos cuidados necessários com a manutenção da bike, em especial o sistema de frenagem, já que no bairro há muitas ladeiras. O correto é utilizar os freios dianteiro e traseiro, acionando um de cada vez. Muitos estudantes destacaram que quase caíram e se machucaram porque fizeram errado. Por fim, orientou sobre a calibragem dos pneus e emendou com recomendações para trafegar na via pública e utilização de pisca-pisca à noite.

A conversa foi rápida, pois a loja estava aberta e o cicleteiro tinha muitas coisas para fazer. A ideia era aproveitar a saída para passar na pista de bike e skate da Praça do Letícia.



Durante a caminhada, a professora Lu Souza, residente antiga da região, relatou passagens de sua infância. Enquanto isso, os estudantes indicavam suas moradias e explicavam rapidamente o que estávamos fazendo aos familiares e vizinhos.

Quando chegamos à praça, alguns saíram correndo para pista e outros fizeram fila para pedalar na bicicleta. Espalhados, se dirigiram à loja de pipas para usar o banheiro e outros se sentaram na assistir ao desempenho dos amigos. Estava tudo ali misturado. Tinha cachorro correndo com a turma, coordenadora aprendendo sobre o bairro, aluno ensinando, gente testando as informações que o ciclista compartilhou, professora narrando sua infância, aluno contando história. Permanecemos na praça o tempo suficiente para cada criança dar uma volta na pista. No retorno à escola, cruzamos com um trabalhador entregando comida de bicicleta, quando um estudante comentou: esse daí está se fodendo, hein em professor!

Guidão, garfo, pé-de-vela, breque, freio, roda, aro, banco, quadro, pedal, mesa, na rua, na pista, na praça, para brincar, para o militar, para melhorar a saúde, para competir, para trabalhar, para passear, para sobreviver, para se foder, para fotografar, para denunciar, para o rico, para o pobre, na favela, na periferia, na avenida Paulista, na casa do caralho, está por todo lado, de uma, duas, ou três rodas, serve até para virar mercadoria nas mãos dos apicultores da educação.

Foi assim.

QUAL ESPAÇO OCUPAR, QUANDO SE CAMINHA AO LADO

Ao ingressar na EMEF como coordenadora, foi possível vivenciar diversos estranhamentos diante das percepções pedagógicas existentes na escola. Já que a minha trajetória até então era diante da educação infantil, onde os trabalhos se desenvolvem diante do interesse da criança e dos questionamentos do grupo como um todo. Pensar em coletivo e mesmo assim atender às individualidades de cada um é o que concerne à prática pedagógica naquela etapa da Educação Básica.

Quando ingressei na escola de ensino fundamental, muitas questões sobre as distinções do trabalho realizado numa etapa e noutra emergiram, se fazendo necessário questionar quais eram os pontos importantes a serem instigados nesse espaço - diante da formação de professores- e quais temas eram importantes para estudo e formação, para que eu pudesse contribuir. Ao longo do processo de ingresso, repleto de estranhamentos e aprendizagens, a ação mais latente era como construir em coletivo um espaço com mais visibilidade da/o estudante. Como romper com o exacerbado disciplinamento dos corpos e provocar rasuras na enrijecida lógica educacional.

No segundo ano como coordenadora, agora em outra escola, na EMEF Anna Silveira Pedreira, onde se propõe a construção de um espaço democrático, mais aberto, foi possível conhecer diversos trabalhos e práticas numa perspectiva horizontal.

Animei-me quando percebi as infinitas possibilidades de mudança numa escola promotora de espaços mais receptivos, acolhedores e instigantes à participação estudantil. Pude pensar diante das diversas práticas que emergiram do coletivo, da ação conjunta dos/as estudantes, que traziam caminhos possíveis para a construção de um espaço escolar cada vez mais acolhedor ao protagonismo estudantil.

Foi nesse momento que conheci o trabalho do professor Marcos Ribeiro, que sempre buscava partilhar suas experiências, observações e reflexões diante da prática. Nas observações dos/as estudantes, o docente construiu sua linha de pensamento das aulas e planejou suas ações. Quando percebi que cada observação, dentro ou fora da escola, foi inserida

no planejamento das aulas, que o professor registrava suas observações, falas e reações dos/as estudantes, gerou um processo de identificação.

Constatei ser possível promover um trabalho educacional centrado no/a estudante, em diálogo com o território, em toda a sua trajetória educacional. E a questão que surgiu era, como contribuir e caminhar junto, diante dessas ações e nesse novo território?

Tendo em vista contribuir para o fortalecimento das ações pedagógicas na escola, auxiliar na organização e efetivação dos passeios e saídas pedagógicas, foi possível perceber os atritos que surgem, quando o trabalho realizado na escola, modifica as estruturas e move algumas mudanças de olhar.

Inicialmente, surgiram dificuldades para compreender a caminhada ao bicicletário do bairro como uma ação pedagógica. Foi necessário construir novas relações com práticas que provocam mudanças e trazem questionamentos como algo inevitável para a educação. E com o tempo, além de inevitável, tornou-se imprescindível para construir transformações sempre necessárias ao espaço formativo.

A ruptura de pensar a Educação Física para além dos fragmentos do futebol ou esportes com bola e uso de quadra, faz surgir questões e problemáticas, onde o próprio processo de diálogo gera novas mudanças.

Tudo isso abriu caminhos para debates do uso e aquisição de diversos materiais, a ressignificação de espaços e a relação de ocupação e pertencimento. Quando, por exemplo, pensamos em quem ocupa o espaço escolar? E quem estabelece as “regras de conduta” nesse mesmo espaço escolar? Ou, como pensar e discutir a compra de materiais, ou a legitimidade de uma ação pedagógica, sem pararmos e pensarmos qual lugar ocupamos, dentro e fora da escola? E como esse espaço que ocupamos, determina nosso posicionamento?

E nesse momento, surgem questionamentos sobre a segurança das crianças no trajeto até o bicicletário, interesse ou não dos estudantes, necessidade de planejamentos diferentes do que a escola estava organizada, entre outros, foram provocando debates importantes no espaço de formação e na rotina escolar como um todo.

Uma outra problemática que gerou diversas questões e diálogos durante as aulas foi a relação com o material. Como existia no início apenas uma

bike para dividir com a turma, as relações de conflito já existentes se tornaram ainda mais evidentes, como a dificuldade de partilha, paciência na espera, monopolização do material em um grupo específico de estudantes, entre outras questões. Esses conflitos geralmente resultam na busca das crianças, pelo professor, para mediação e intervenção direta para a partilha do uso da bike.

O professor Marcos Ribeiro, em alguns momentos, intervia diretamente e tentava dialogar com os/as estudantes, em outros, o professor instigava os/as próprios/as estudantes a dialogar e mediar o conflito, sem a necessidade de sua interferência direta. Às vezes, as duas tentativas de mediação ocorriam e outras, nenhuma surtia efeito imediato, ocorrendo que os/as estudantes que monopolizavam o uso da bike continuavam por um tempo extenso, enquanto a turma permanecia aguardando.

E esse fato gerava novos debates pela busca incessante, vinda dos/as estudantes e da mediação do professor como figura de autoridade. Isso nos fez pensar em como construir um espaço que em o adulto não se torne a figura da “legalidade”, e que as crianças e jovens, se sintam autônomos para estabelecerem seus próprios combinados e regras, sem a necessidade da intervenção do adulto. Mas essa autonomia surge a partir de uma conversa? De um aval do adulto, colocando a criança e jovem, ainda à mercê da autorização de outrem? Ou essa autonomia surge ao longo da trajetória escolar, que pode ou não impulsionar esse processo? São questões que surgiram e apenas evidenciaram alguns fragmentos que precisam ser pensados diante do currículo escolar.

Rever as formas de intervir diante do conflito, também surgiu como questão a se pensar. Mesmo que o professor venha a intervir, como não gerar pressão autoritária, mas sim uma reflexão sobre o coletivo e a importância de compartilhar? Ou, em determinados casos, como refletir com as crianças, não necessariamente a divisão, mas sim, sobre a equidade do uso do tempo na bike?

Vale destacar um ponto observado sobre as questões de gênero que surgiram quando as meninas se apropriaram do material e, em diversos momentos, se tornaram protagonistas nas aulas de Educação Física. Ao descentralizar a aula de objetos ou jogos vinculados ao estereótipo de

“esporte de meninos” ou “coisas de menino”, as crianças em geral começaram a se envolver nas propostas, destacando a ação das meninas diante do movimento da bike. O que é importante dizer é que nas aulas onde a proposta é centrada nos esportes tradicionais e populares, como exemplo, o futebol, é possível encontrar meninas nos cantos da quadra, conversando, sentadas, no celular ou realizando uma atividade paralela - vôlei, queimada, três corta, etc., tendo no espaço central da aula os meninos.

Eventualmente, encontramos uma ou duas meninas que foram inseridas no time majoritariamente masculino, pois apresentam habilidades para jogar. Mas raríssimas vezes encontramos o contrário, meninas no centro da quadra e meninos realizando atividades paralelas ou sendo agraciados pela inclusão das meninas no esporte ocupado majoritariamente por elas.

Nesse processo, são visíveis a distinção de corpos femininos e masculinos e a reprodução do olhar sexista vinda dos/as estudantes. Entre as meninas que escolhem não praticar a aula, entre os meninos que monopolizam a quadra, entre as diferenças de ocupar os espaços e neles transitar e as abstrações envoltas nas interações dos corpos construídos socialmente para a reprodução de distinção.

Além da busca de outros elementos para o centro do estudo da aula, a bike e a participação da Daiana e da Olga, duas mulheres que compartilharam suas experiências e se tornaram referências na relação do estudo que as crianças estavam fazendo, potencializaram o protagonismo das meninas nas aulas e evidenciaram a neutralidade de gênero no objeto estudado. As referências das crianças eram incorporadas nas aulas ao longo do processo e, diante dos relatos da Lu Souza, moradora do bairro e professora da turma, as questões de gênero e empoderamento feminino só se ampliaram.

Ou seja, com diversas mulheres como referência e um elemento central de estudo da aula, o interesse das meninas pela bike se tornou evidente. O professor Marcos Ribeiro, por diversas vezes, me convidou a acompanhar as aulas no parque e quadra, onde o uso da bike era conduzido livremente entre as crianças, para observar que as meninas se organizavam e conduziam o uso quase total entre elas. Potente, esse movimento se estendeu em outras aulas e falas.

Vale dizer que na sala dessa turma encontramos bandeiras referentes ao movimento LGBTQIAP+, ação que surgiu de um grupo de estudantes, meninas, que pintaram e colaram as bandeiras para marcar esse espaço e esse debate. As bandeiras, algumas vezes são retiradas, e novamente elas realizam novas e mais coloridas bandeiras, para demarcar que o debate e a visibilidade ficam.

Em todo momento a professora Lu Souza estabelece um diálogo aberto e provocativo com a turma, liberdade para expressão dos estudantes e promove espaços de debate sobre as questões relacionadas ao tema. As propostas e intervenções realizadas sempre são mediadas por uma fala coerente, feminista e empoderadora. Instigadas, a turma e, principalmente, as meninas a participar a todo momento da discussão, tendo nessa turma, uma menina integrante do Grêmio Estudantil e representante de sala extremamente atuante em diversas ações da escola.

Nos diálogos e espaços de formação, o professor Marcos Ribeiro sempre demonstrava abertura a pensar as aulas em conjunto com o grupo - gestão, coordenação, estudantes e todo o corpo docente e profissionais da educação, incluindo o quadro de apoio, mães que trabalham na escola e comunidade escolar - que possibilitou tantas ações ampliadas, para além do espaço físico da escola. Se posicionou criticamente, ao mesmo tempo que conduziu a reflexão diante de um debate sincero e democrático. Algo que sempre facilitou o diálogo para que a escola caminhasse em consonância.

Encontrar professores e professoras com olhar para e com os/as estudantes, além de contribuir com criticidade sobre o trabalho realizado na escola pública, acende novas visões e práticas pedagógicas que provocam a pensar em quais lugares a coordenação pedagógica precisa ocupar para que a escola caminhe em coletivo e construa novas perspectivas, ações e novos caminhos de debate.

Qual lugar ocupamos, para acolher e fortalecer trabalhos que, como esse, ocupam espaços, que produzem provocações, que ampliam, que questionam, que incomodam, que modificam, que impactam e tensionam. Tensões essas que surgem e ressurgem, conflitantes com as forças de manutenção das tradições da cultura escolar.

Buscar, nutrir e resistir, às vezes cansa, mas foi um prazer acompanhar e realizar intervenções, que acredito eu, foram pertinentes ao protagonismo estudantil. Na promoção de um espaço educacional promotor de escuta, acolhimento, respeito e propício para práticas educacionais não sexistas.

Tendo consciência que aprendi mais do que pude colaborar como coordenadora pedagógica, acompanhar o trabalho realizado nas aulas de Educação Física propiciou compreender como as ações em si incorporavam um olhar atento para pautar a existência plena dos/as estudantes.

Buscando tornar a escola um lugar de encontro, um espaço respeitoso, liberto e, acima de tudo, um lugar de questionamento. Mais do que aprender respostas, um lugar que construímos perguntas, ocupado pela diversidade de corpos e ideias, que nutre e fortalece o processo reflexivo sobre o educar. Sem ignorar suas fragilidades, problemáticas e conflitos, debater e resistir em prol de uma escola se refaça como espaço de todes, principalmente des estudantes.